

Soldados da Companhia das Índias Ocidentais

Marcos da Cunha e Souza*

Reprdução de matéria publicada na *Revista do IGHMB* – (Ano 56, nº 82/96). Analisa diversos aspectos relacionados aos soldados da Companhia das Índias Ocidentais, braço armado do Governo batavo, em sua tentativa de instalar, no Nordeste brasileiro, uma colônia holandesa.

NATUREZA DO EXÉRCITO “HOLANDÊS”

Não foi o Exército dos Países Baixos que invadiu o Brasil na primeira metade do século XVII. As tropas utilizadas pertenciam a uma empresa mercantil, a *West-Indische Compagnie*, que recebera das Províncias Unidas direitos exclusivos sobre o comércio batavo em todo o hemisfério ocidental.

O exército enviado pela Companhia das Índias Oci-

dentais ao Brasil era uma força de mercenários e aventureiros. Além dos naturais das Províncias Unidas, encontravam-se, basicamente, franceses, ingleses e alemães. Este perfil heterogêneo, aliás, não se restringia aos soldados. Muitos eram os oficiais estrangeiros, tal como o polonês Christoff Arciszewsky.

Exércitos mercenários constituíam o padrão da época, apesar de suas deficiências óbvias. Mais ainda, durante a interminável Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), quando vastas regiões da Europa Central foram impiedosamente saqueadas pelos vários contendores. Nesse momento, mesmo para o mais pacífico dos camponeses, a profissão

das armas surgia como a única opção contra a fome. A calamidade era tal, que a partir de 1642 o Exército sueco deixou de pagar soldo aos novos recrutas alemães. Estes tinham apenas à comida e participação nos saques.

Mas, dentre os soldados que invadiram o Brasil, não faltavam também os aventureiros, como o jovem soldado Ambrósio Richshoffer, de família bem estabelecida em Estrasburgo e que chegou a Olinda às vésperas de completar 18 anos de idade. Ou ainda, o anônimo mancebo, *filho de pais respeitáveis e abastados em Leipzig*,¹ que foi enforcado em Olinda por beber vinho durante o serviço.

* Doutor em Direito. Membro do Conselho de História do Exército

1. Diário de um Soldado da Companhia das Índias Ocidentais, Ambrósio Richshoffer, pág. 67.

ALISTAMENTO, SOLDADO E TREINAMENTO

O alistamento dessa gente nos é descrito por Pierre Moreau,² o qual se refere aos alistadores como *vendedores de cristãos, cuja arte está em enganar jovens estrangeiros que observam, e persuadi-los a fazer a viagem das Índias; seduzem-nos e lhes descrevem os países distantes como um paraíso terrestre, que proporciona todas as felicidades desejáveis; prometem uma grande fortuna; retêm-nos em suas casas com grande estima e fornecem-lhes dinheiro até o momento da partida, quando mandam apreender e reter os ordenados desses tolos, logo que embarcam, pela despesa feita em sua casa, contada ao quádruplo daquilo que vale.*

Os soldados faziam jus a cerca de oito florins por mês. Mas o soldo nem sempre era pago em dia e, por vezes, nem era pago. Alguns, quando da volta à Holanda, tinham dificuldades em receber os

vencimentos devidos. *Os ingleses, porém, faziam reparar esta injustiça aos de sua nação: justificavam por bilhetes (que lhes eram dados em Recife) seu tempo de serviço e os salários prometidos e detinham o primeiro navio holandês ancorado em seus portos, não o deixando sair antes que o mestre tivesse feito o pagamento devido.*³

O treinamento antes do embarque era sumário e, em geral, completado por exercícios de tiro durante o trajeto para o Brasil. Por vezes os navios faziam paradas em ilhas, onde as tropas eram desembarcadas e submetidas a novos exercícios. Não era tarefa fácil, pois a tática holandesa era complexa e dependia de conceitos precisos de ordem unida. Mas deve-se lembrar que muitos dos soldados possuíam experiência em outros campos de batalha.

Em 1630, o período mínimo de alistamento dos recrutas era de três anos, ao fim do qual poderiam, em tese, retornar à Europa. Mais tarde, em 1638, constatamos⁴ que o serviço subira para quatro anos completos, sem contar o tempo de viagem. Nos primeiros anos da ocupação de Pernambuco vemos

que a Companhia de fato respeitou o direito dos soldados de voltar para a casa. Mas nos últimos anos da guerra, talvez pela falta de novos voluntários, muitos viram-se obrigados a prolongar sua estadia, o que deu ensejo a atos de insubordinação. Disto tiraram proveito os luso-brasileiros, que passaram a seduzir os soldados inimigos com a promessa de pronto retorno à Europa.

OS OFICIAIS

Em relação aos oficiais, o tempo de serviço era diferenciado em função do acordo que firmassem individualmente com a Companhia. Van der Elst, apenas para citar um exemplo, tinha um contrato que lhe permitia partir segundo sua livre vontade – e o fez ainda em 1630, malgrado os apelos de seu comandante, o Coronel Waerdenburch.

Os oficiais eram contratados entre homens experientes. Waerdenburch, o coronel que conquistou Olinda e Recife em 1630, servira no exército mercenário do sanguinário Mansfeld, no início da Guerra dos Trinta Anos. Depois lutara nas tropas do príncipe Bethlem Gabor da Transilvânia e sob

2. História das Últimas Lutas no Brasil Entre Holandeses e Portugueses, pág. 83.

3. Op. cit., pág. 28.

4. Relatório de Maurício de Nassau, 14.01.1638, in Fontes para a História do Brasil Holandês, pág. 102.

as ordens da República de Veneza, antes de ser chamado ao serviço da WIC. Outro de grande experiência foi Christoff Arciszewsky, que antes de vir para o Brasil lutara contra os suecos na Polônia e servira aos holandeses na malograda defesa de Breda. A experiência militar, contudo, não dava garantia de refinamento ou cultura. Richshoffer, por exemplo, nos fala de um tenente analfabeto.

A estrutura administrativa do Brasil Holandês foi modificada inúmeras vezes. Até janeiro de 1637, as promoções dentro do quadro de oficiais dependeram exclusivamente de indicação encaminhada pelo Conselho Político. Esse colegiado, formado geralmente por comerciantes e funcionários civis da Companhia, era o responsável de fato pelo governo dos territórios ocupados, tendo o cargo de governador poderes limitados. Sobre a questão das promoções, o Coronel Waerdenburch assim se exprime:

Os Senhores Diretores confiaram-me a tarefa principal, e por isto me deram

*uma grande autoridade; para outras empresas ou tarefas de menos importância atribuem exclusivamente aos Senhores do Conselho a escolha dos oficiais, quer superiores, quer inferiores, que devem ser utilizados, muito embora eu, que tenho as provas de capacitação dos oficiais, seja tão capaz como os Senhores do Conselho para fazer essa escolha.*⁵

A uns poucos soldados foi dada a oportunidade de ascensão ao oficialato. Este foi o caso do Major Dirk Hoogstraeten e do Capitão Klaes Klaesz. O primeiro, no entanto, traiu os seus e tornou-se oficial de Portugal.

DESERTORES

Por motivos vários, algumas centenas de soldados da Companhia terminaram por lutar ao lado dos lusobrasileiros. Muitos foram forçados a isto e na primeira oportunidade retornaram aos seus. Foi justamente o caso do já citado Capitão Klaes Klaesz.

Outros, como o Major Hoogstraeten e os Capitães Albert Wedda e Gaspar van der Ley, o fizeram voluntariamente e levaram consigo algumas dezenas de soldados. Esse último oficial

talvez tenha tido um motivo nobre pois, no Brasil, casou-se com uma portuguesa que lhe deu dois filhos.

As deserções em muito prejudicaram o sigilo das operações batavas. Quando, em 1632, o Conselho Político decidiu que o próximo ataque seria contra a Paraíba, o objetivo foi mantido em segredo, mesmo em relação aos oficiais. Feitos os preparativos, as tropas embarcaram nos navios e apenas no segundo dia de viagem as instruções do Conselho foram abertas e o plano pôde, enfim, ser discutido com os capitães. Esses cuidados, porém, se mostraram inúteis, pois dois desertores holandeses⁶ já haviam transmitido a Matias de Albuquerque o destino provável da frota, possibilitando a este enviar reforços que chegaram à Paraíba antes da expedição holandesa.

No caso dos oficiais, as deserções eram geralmente causadas pela cobiça. Esperavam dinheiro, honras e até mesmo poder. Mas entre os soldados os motivos estavam ligados à própria sobrevivência. Nos primeiros anos da ocupação do Recife as tropas passaram por todo tipo de sofrimento, inclusive a fome. Quem nos conta é um soldado:

5. Carta do dia 14 de maio de 1630 aos Estados Gerais.

6. Laet, Anais da Biblioteca Nacional, vol. 39, pág. 218/219.

De 5 a 10 (de julho de 1630) passaram-se muitos dos nossos para o inimigo. Estas deserções são motivadas pela falta de víveres de que sofremos. As mais das vezes as rações de pão ou provisões distribuídas para oito dias mal chegam para dois, sendo até devorados cães, gatos e ratos. Assim achamo-nos na alternativa de ou expulsarmos o inimigo de sua vantajosa posição ou morreremos de fome.⁷

ALIMENTAÇÃO

Este quadro explica-se pelo fato de que as forças de Waerdenburch estavam naquele momento cercadas dentro do complexo Olinda-Recife-Antônio Vaz. Nesse contexto, dependiam quase que totalmente dos suprimentos vindos da Europa e que consistiam em favas, ervilhas e peixes salgados. E, pelos relatos da época, vemos que muitas vezes esses alimentos chegavam em péssimo estado de conservação. Situação semelhante repetiu-se em Recife, a partir de 1645.

Waerdenburch não ignorava a fome da tropa e a

menciona em vários relatórios enviados aos Países Baixos. Na missiva do dia 16 de dezembro de 1630, ele nos dá conta de 400 casos de escorbuto e acrescenta:

... mas a fraqueza da tropa é extrema – não são mais que sombras vivas – porque não recebem víveres frescos, mas somente um pouco de alimento velho, e, além disso, no Recife e em Antônio Vaz (sic), onde se acham (sic) a maior parte dela e onde há mais obras a executar, são obrigadas a contentar-se com água ruim.⁸

Mas, durante o período de expansão do domínio holandês, as guarnições passaram a ser supridas com produtos do próprio Brasil, o que representou sensível mudança de cardápio. Um relatório de 1638 comunica que a Companhia suspendera o fornecimento de ração aos soldados. Em substituição, pagava-lhes uma pensão com a qual cada um por si comprava seu alimento (frutas da terra, farinha de mandioca e muita carne fresca). Os suprimentos vindos dos Países Baixos eram pouco procurados devido ao preço superior.

SUPLÍCIOS DA TROPA

A fome, portanto, não foi uma constante e nem tam-

pouco o único suplício destes que vieram de longe para conquistar o Brasil. Sobre os sofrimentos do dia-a-dia, mais uma vez nos ajuda o Coronel Waerdenburch, em um relato que supera qualquer síntese. Pressionado pelos burocratas instalados nos Países Baixos a fazer novas conquistas ele responde:

Nós que temos experiência diária da força e da astúcia do inimigo (que conta com cerca de 10.000 homens aqui na capital de Pernambuco) juntamente com os inconvenientes das matas e dos caminhos sinuosos, moléstias, mortalidade, falta de víveres, lenta esperança de socorros, chuva forte, calor excessivo, quase todos os elementos contra nós, pouco alimento, e este mesmo bem pouco saudável, sem beber nada a não ser água, marchas através de sarças e espinheiros, vigílias em que se transforma a noite em dia, passando-se noite e dia em fadigas sem fim, de tal sorte que não há ninguém, seja soldado, seja oficial superior ou inferior, que não esteja diariamente no trabalho, (...) através de pântanos e maré alta e baixa, sob os tiros do mosquete inimigo, (...) num alarme contínuo, sem vinho

7. Diário de um Soldado da Companhia das Índias Ocidentais, A. Richshoffer, pág. 74.

8. Documentos Holandeses, vol. 1, pág. 54.

e com maus materiais, nós, dizia eu, que vivemos desta forma como um bando de escravos, não podemos compreender isto.

Frente a este quadro, a burocracia insensível era só mais uma mazela a ser suportada por esta gente. Afinal os soldados não serviam a um ideal, mas a uma empresa que deles queria apenas o lucro.

DISCIPLINA MILITAR

Diante de uma tropa tão sofrida e tão pouco confiável, a disciplina militar tinha de ser das mais duras. E era. Por qualquer coisa o mais afortunado era violentamente açoitado. Outras vezes o insubordinado *era mantido dias inteiros exposto ao sol sobre um cavalete, com bolas atadas aos pés e cinco ou seis mosquetes nas costas.*⁹ As penas capitais eram geralmente precedidas por rituais violentos e posteriormente aplicadas por meio da força ou do estrangulamento.

No entanto, sendo o soldado um elemento caro e precioso, a morte não era oferecida com grande frequência. Quando vários soldados co-

metiam juntos um mesmo crime, geralmente apenas um deles era supliciado.

Richshoffer descreve a morte de um desertor recapturado:

Na noite de 20 foram presos outra vez três franceses que se tinham passado para o inimigo, sendo logo metidos na prisão com ferro nos pés e nas mãos. A 22 foram submetidos a Conselho de Guerra, sendo o cabeça condenado a força. Primeiro cortaram-lhe dois dedos e pregaram-lhe às costas uma bandeirinha branca, e foi então enforcado.

O órgão responsável pelo julgamento dos crimes praticados pelos soldados e oficiais do Exército era o Conselho de Guerra. A severidade das penas impostas aos soldados foi frequentemente criticada até por funcionários da WIC. Um dos críticos foi o francês Auguste de Quelen,¹⁰ que deixou um quadro sombrio da justiça militar holandesa no Brasil.

Quanto ao soldado, basta que tenha se recusado a ser laçoio ou cavalarço, ou a exercer tal função, para ser levado a Conselho de Guerra pelo seu capitão, que muitas vezes é indigno

de ser pagem de seu próprio soldado. As torturas e mais tormentos ordinários e extraordinários lá são aplicados no meio de risadas e por entre o fumo do tabaco e do vinho. (...) Em outras palavras, a vida e a honra do soldado estão todos os dias em perigo, se ele não se conforma com os caprichos dos oficiais superiores, e, mesmo ausente, será condenado, sem ter sido visto nem ouvido por seus juízes.

A disciplina porém não era tão dura para com os oficiais. Talvez porque muitos tivessem conhecimentos influentes em seu país. Waerdenburch, irritado com um certo Major Honcks, lamentou não ter poderes para puni-lo e teve que contentar-se em mandá-lo de volta à Europa. Já o Tenente-Coronel Joris Garstman, acusado, em 1645, pelo assassinato de um importante personagem do Brasil Holandês (Jacob Rabi), foi julgado e condenado como mandante do crime. No entanto, ao pedir a revisão do processo, pode aguardar o recurso em liberdade até a sua morte, em 1654.

VESTUÁRIO E EQUIPAMENTO

As vestimentas dos soldados não obedeciam a qual-

9, Pierre Moreau, pág. 71.

10. Seu relato sobre o Brasil pode ser encontrado na obra *Fontes Para a História do Brasil Holandês*, organizada por José Gonçalves de Mello.

quer padrão ou uniforme. Os recrutas levavam suas próprias roupas e, uma vez no Brasil, compravam outras da própria Companhia ou as roubavam dos mortos, ou ainda dos próprios colegas.¹¹

O equipamento defensivo, quando usado, consistia basicamente em uma couraça sobre o tórax e o capacete ou morrião. Já o armamento individual da Infantaria era aquele compatível com a tática européia da época. Mosquetes e arcabuzes respondiam pelo fogo, mas eram pouco úteis para a luta corpo-a-corpo e lentos no recarregar. Daí a necessidade dos piqueiros, soldados equipados com lanças medindo cerca de três metros de comprimento (os piques), e que tinham o encargo de defender os mosqueteiros durante a recarga, além de agirem ofensivamente no combate corpo-a-corpo.

Quanto à Cavalaria, logo se descobriu ser esta impraticável para a Guerra Brasílica, pela dificuldade dos caminhos e pelo tipo de luta que aqui se travou.

A Artilharia, por sua vez, limitou-se, basicamente, à de-

fesa ou assédio de fortificações, já que nociva à marcha dos exércitos. Para isto, novamente, contribuiu a má qualidade das estradas brasileiras. A pouca eficiência da artilharia de campanha holandesa no Brasil é descrita por Michael van Goch em relatório sobre a Segunda Batalha dos Guararapes. Nesse documento, ele conta que os canhões não faziam grande efeito sobre os tropas brasileiras, dado que estas combatiam em formações dispersas.

TROPAS AUXILIARES

As tropas holandesas no Brasil nunca foram muito numerosas, se comparadas ao objetivo a que se propunham. Com cerca de 3.250 homens, em outubro de 1631,¹² chegaram a contar com 6.180, segundo Barleus. Boa parte desses homens, porém, era imprescindível às guarnições espalhadas pelo vasto território ocupado entre o Sergipe e o Maranhão.

Em complemento às tropas trazidas da Europa, pôde a WIC contar com elementos auxiliares encontrados no próprio Brasil.

Antes mesmo da invasão de Pernambuco, os holandeses já haviam visualizado a utilização de índios na guer-

ra pelo Brasil. Assim, em 1625, levaram alguns para os Países Baixos onde foram aculturados e, mais tarde, ajudariam a trazer aos holandeses o apoio de alguns grupos indígenas. Com o tempo, milhares de índios brasileiros vieram engrossar as forças batavas, prestando valerosa ajuda. Destes, duzentos participaram da expedição a Angola e por lá deixaram seus ossos.

O emprego dos índios porém trouxe alguns problemas. Avessos às questões de ordem econômica, pilhavam as fazendas de propriedade dos portugueses sem compreender que os holandeses muitas vezes queriam preservá-las. Em 1645, diante da expansão da revolta pernambucana, as autoridades batavas discutiram a conveniência de pedir ajuda aos tapuias do chefe Janduú. *Entretanto, levando em consideração as devastações que forçosamente acarretaria a marcha de um povo bárbaro, através do país, julgaram de bom alvitre nada decidir sobre esse ponto ...*¹³

Outro problema consistia em o que fazer com as centenas de mulheres e crianças que acompanhavam os guerreiros índios, por medo que

11. Doc. Hol. vol. 1, pág. 90, Diário de um Soldado..., págs. 68, 72 e 136.

12. Laet, ABN vol. 38, pág. 216.

13. Memorável Viagem..., Joan Nieuhof, pág. 183.

estes tinham de deixá-las desprotegidas em suas aldeias. Muitas foram mandadas para a Ilha de Itamaracá, criando ali problemas de abastecimento.

Cumprir notar, ainda, que os holandeses tinham por hábito enquadrar os índios dentro de unidades comandadas por oficiais ou funcionários da Companhia. Em contrapartida, do lado brasileiro, o índio Felipe Camarão não apenas comandava os seus com grande autonomia, como ainda dirigia em suas expedições pequenos destacamentos formados por brancos.

Durante a Guerra Brasília os batavos puderam contar também com elementos civis. Com o correr dos anos, muitos soldados que já haviam completado seu tempo de serviço no Brasil, permaneceram no país ocupando atividades econômicas. Além disso, a Companhia passou a estimular a vinda de colonos holandeses, para com isso anular a superioridade numérica da população de origem portuguesa. Tanto os antigos recrutados quanto os colonos passaram a constituir

uma reserva do exército regular, a qual foi posta muitas vezes em funcionamento. Geralmente serviam para fortalecer as guarnições das cidades. Foi o que aconteceu quando Maurício de Nassau, querendo reunir o máximo de soldados possível para o ataque a Salvador (1638), lançou mão dos civis para a defesa do Recife. Mais tarde, quando da Revolta Pernambucana (1645), essas tropas foram também usadas ofensivamente. Tivesse a imigração holandesa sido mais intensa, o final da história poderia ter sido outro.

Menos marcante foi o elemento negro. Este era visto com desconfiança pelos holandeses e na guerra foi basicamente usado no transporte de material. Mas, em situações de emergência, também os negros foram chamados. Assim, quando da ocupação de Salvador (1624/1625), os batavos sitiados organizaram uma tropa de escravos que ganhou dos nossos o apelido de Tapanunos ou Tapanunhos.¹⁴

Anos mais tarde, em 1645, *os senhores de Wit e o Secretário Hamel tiveram ordem de ir de casa em casa da cidade Maurícia e proceder ao levantamento de todos os negros em condições*

*de pegar em armas e equipá-los com mosquetes e piques. Idêntica ordem foi dada ao Almirante Lichthart e ao Capitão Bartholomeus Van Keulen com relação ao Recife.*¹⁵ E ainda temos conhecimento de que, em junho daquele ano, uma companhia de 50 negros participava da defesa do Recife.

Não podemos esquecer também que o invasor pôde contar com a colaboração de habitantes de origem portuguesa, e isto já em 1624, como nos faz ver o relato do Padre Antônio Vieira. A partir de 1645, tentativas foram feitas no sentido do alistamento em massa dessa gente. É o que se depreende de uma resolução administrativa de julho daquele ano a estimular o engajamento de voluntários por período não superior a quatro meses e mediante soldo de nove florins.¹⁶ Mas a resposta da população a esse apelo, se houve, foi tímida.

Por fim, em inúmeras situações, marinheiros desembarcados vieram engrossar as tropas terrestres.

CONCLUSÃO

A análise dos vários aspectos relacionados aos soldados da *West Indische Compagnie* leva o leitor a uma imagem

14. História das Lutas com os Holandeses no Brasil - F. Varnhagen.

15. Memorável Viagem..., pág. 245.

16. Memorável Viagem..., págs. 189/190.

sem dúvida caótica do invasor. Contudo, devemos encarar a história e os fatos dentro do contexto em que se inserem. Os militares a serviço da WIC não deviam em nada àqueles que, naquele exato momento, disputavam na Europa a Guerra dos Trinta Anos. A diferença estava na instituição que os comandava (uma empresa) e no inimigo que encontraram (nacionais determinados e não mercenários).


Na verdade, aqueles homens rudes e geralmente inquietos, quando bem comandados, eram capazes de

manter uma disciplina impecável na hora do combate. De outra forma não conseguiriam manter suas fileiras cerradas, sob fogo inimigo, e nesta ordem marchar contra as trincheiras brasileiras, como tantas vezes fizeram durante as três décadas em que estiveram disputando o solo nordestino.

Tiveram a oportunidade de combater sob as ordens de alguns oficiais notáveis, como os Coronéis Waerdenburch, Arciszewsky e o severo Sigismundo von Schkoppe.

Obrigados a se adaptarem a uma guerra que fugia aos

padrões europeus e a um clima pouco convidativo para a feitura de marchas e trincheiras, estiveram, em 1638, a poucos passos de levar a melhor sobre os ariscos e aclimatados habitantes do país.

Porém, a obra que ajudaram a criar terminou por ruir, e nisso tiveram pouca culpa. E assim, os milhares de aventureiros que para o Brasil vieram, dos quais muitos tiveram esta terra por sepultura, só nos deixaram por legado ruínas e histórias. As ruínas, coube aos nossos antepassados reparar. A história, cumpre-nos preservar. 

ATUALIZE SEU CADASTRO

A BIBLIEX quer levar suas publicações até você em qualquer parte do Brasil ou do exterior. Se você mudou de endereço, ou deseja fazer alguma alteração junto ao nosso cadastro, preencha por favor o formulário abaixo indicando somente seu nome e a informação que deverá ser alterada. Obrigado!

NOME			
ENDEREÇO para correspondência			
CIDADE	UF	PAÍS	CEP
DATA DE NASCIMENTO	SEXO Mas <input type="checkbox"/> Fem <input type="checkbox"/>	IDENTIDADE e órgão emissor	CPF
ORGANIZAÇÃO ONDE TRABALHA			
ENDEREÇO PROFISSIONAL			
MILITAR CIVIL <input type="checkbox"/>	POSTO / GRAD. (se militar)	<input type="checkbox"/> Ativa <input type="checkbox"/> Reserva	PROFISSÃO (se civil)
REVISTA QUE ASSINA			
<input type="checkbox"/> A DEFESA NACIONAL <input type="checkbox"/> REVISTA DO EXÉRCITO BRASILEIRO <input type="checkbox"/> REVISTA MILITAR DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA			

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

Palácio Duque de Caxias - Praça Duque de Caxias, 25 - Ala Marcílio Dias - 3º andar - Centro - Rio de Janeiro, RJ - CEP 20221-260

Ligação Gratuita de todo Brasil: (0800) 23.8365

Telefax: (021) 519.5569 - E-mail: bibliex@esm.com.br